

DANILO COELHO

PROJETO
O·T·H·E·R·
AMOR, NEGÓCIOS & VIDEOGAMES



VIEGAS EDITORA

Copyright © Danilo Coelho - 2025

Editor: José Viegas

Revisão: 01

Capa: Girresse Ribeiro

Diagramação: Jefferson Gomes

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do Código Penal.

Revisado conforme o Acordo ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Catálogo na publicação

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

A474p

Alves, Danilo Coelho.

Projeto O.T.H.E.R. /

Danilo Coelho. – São Luís-MA: Viegas, 2025.

336 p.; 16 X 23 cm

ISBN 978-65-83555-19-9

1. Ficção 2. Literatura Brasileira. I. Alves, Danilo Coelho. II. Título.

CDD 869.93

Índice para catálogo sistemático

I. Ficção: Literatura brasileira



WWW.VIEGASEDITORA.COM

Aviso

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e eventos descritos são produtos da imaginação do autor, ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos, locais ou obras existentes é mera coincidência.

Capítulo 1

ALAN

13 de janeiro de 2024

Começou como um dia qualquer para Alan. Ele saiu para a sua caminhada semanal em *Gallagher Park*, que ficava perto de sua casa. Durante o passeio, sentia que gostava muito daquele inverno de Edmonton em janeiro, e como já era de praxe andar todo sábado de manhã, podia aproveitar e ver a sua cidade em toda sua beleza natural.

A maioria das pessoas que ele conhecia não apreciava muito aquele período do ano, em que o verde da natureza mudava de cor, o frio tomava conta dos ventos e as árvores perdiam suas folhas, mas Alan não era como qualquer um. Nascido em Cartagena, na Colômbia, Alonso Acevedo Hill cresceu aprendendo que, ao contrário do frio, o calor infernal não tinha solução. Há oito anos, quando se mudou a trabalho para o Canadá, as estações bem definidas o maravilharam, principalmente o inverno, um sentimento que sempre persistiu até aquele momento.

Eram 10 horas da manhã, quando Alan parou de caminhar. Já um pouco após sair do *Gallagher Park*, ele parou numa pequena cafeteria chamada *Martin's Coffee*, como fazia todo sábado, e fez seu pedido para a barista que estava atrás do balcão.

– Bom dia, Julia! Tudo bem com você?

– Bom dia, Alonso! O que será hoje: um *capuccino* ou *latte*? – a barista perguntou.

– Julia, eu sei que você me conhece há cinco anos, mas por favor, me chame só de Alan. Não tenho muito carinho pelo nome Alonso.

Julia riu carinhosamente.

– Imagino amigo, sirvo seu café há cinco anos e só recentemente você comentou que seu nome era Alonso. Me senti mal por achar que eu o estava chamando pelo nome errado esse tempo todo. Mas admito que o apelido Alan é bem mais bonito.

– Hoje quero um capuccino e um sanduíche de frango – Alan ignorou a conversa fiada e respondeu à pergunta.

– Sim, senhor. Sairá em alguns minutos.

Alan era curto e grosso, e se sentia à vontade com quem se acostumava com esse lado dele, sem reclamar, e Julia era uma dessas poucas pessoas. Como alguém nem sempre muito agradável, Alan não fazia muitas amizades fora de seu trabalho, mas quem o conhecia de perto entendia. Afinal, Alan só tinha 34 anos, mas passou por tantas coisas em sua vida que poderia ter 64 anos e as pessoas não saberiam diferenciar.

Douglas, um amigo de outra empresa, disse uma vez que ele tinha espírito de idoso, algo que definitivamente era concordável por todos que conheciam Alan.

Alan começou a checar mensagens no celular quando Julia voltou com o *capuccino* e o sanduíche de frango.

– Aqui está, Alan.

– Obrigado, Julia – disse Alan, guardando o celular.

Quase que imediatamente Alan notou um panfleto incomum atrás do balcão.

– Poderia me mandar um desses panfletos, Julia?

Julia respondeu que sim, super empolgada, e virou para pegar uma das várias cópias desse panfleto e o entregou a Alan.

– Eu deveria ter me lembrado de entregar para você, essa é uma pequena exposição de alguns trabalhos de arte que minha amiga faz. Será ao ar livre daqui a uma hora, ali no *Gallagher Park* mesmo.

Alan estava intrigado e Julia continuou falando.

– Ela é ótima, uma pintora muito talentosa. Eu tentei pedir para a minha chefe o resto da manhã de folga para eu ir ver a exibição, mas hoje tem muito cliente e pouca gente para atender.

– Pode me dizer o nome dela? – perguntou Alan, antes de que a barista começasse a atender outros clientes.

– Claro, o nome dela é Laura Wright. Você deveria ir lá ver a exibição.

Alan acenou com a cabeça e Julia foi até o próximo cliente. Ele comeu o sanduíche, tomou seu café, e durante o tempo inteiro ficou com o olhar fixado no panfleto, que eram essencialmente fotos de algumas das pinturas de Laura. O motivo da fascinação dele era bem simples, as artes da imagem tinham um foco e inspiração em videogames, que era um tema de muito interesse para Alan, em vários aspectos.

Era incomum ele se sentir assim, mas naquele momento, tantas coisas passavam por sua cabeça, que ele estava tendo dificuldade para colocar os pensamentos em ordem, mas o pensamento que não saía da cabeça dele era sobre ir ver essa exibição.

Eram 10:20, quando Alan pagou a conta e saiu da cafeteria. Para voltar ao *Gallagher Park* e chegar ao local específico da exibição levaria mais ou menos uns 50 minutos de caminhada. Normalmente, nesse horário, ele estaria pegando um ônibus para voltar para casa e preparar seu almoço, mas neste dia ele sairia um pouco dessa rotina.

Exatamente às 11:10, Alan chegou na exibição, e começou a olhar ao redor. Havia algumas pequenas tendas montadas, para que, em caso de chuva, não houvesse risco de danificar as pinturas. O número de trabalhos era vasto, mas o de possíveis clientes era somente de

cinco pessoas, contando com ele. O valor das pinturas variava muito, mas nada acima de 80 dólares, e pelo que Alan notava, nem todas as pinturas eram feitas à mão, algumas eram obviamente imagens impressas em papel grande, mas o conteúdo de tudo era algo que impressionava Alan.

Havia trabalhos em *pixelart* voltados a alguns jogos clássicos e outras para jogos *indies* famosos ou mais recentes, era uma coleção bem interessante.

Alan notou a artista, Laura, sentada distante falando com quem aparentava ser uma cliente, e não muito longe dela, havia um rapaz que estava claramente fazendo o papel de vendedor, falando com um cliente, que em seguida o deixou falando sozinho e foi embora. O vendedor logo veio na direção de Alan.

– Bom dia, alguma pintura o agradou? – perguntou o vendedor.

– Sim, algumas.

O rapaz logo começou uma conversa de vendedor que está tentando muito vender, Alan fingiu atenção, mas o ignorou completamente.

– Qual o seu nome? – perguntou Alan.

– Me chamo Lucas Wright, muito prazer em conhecê-lo.

– É marido da artista? – indagou Alan, com um olhar desapontado.

– Não, eu sou irmão mais velho dela.

Alan decidiu ir direto ao ponto.

– Eu gostaria que você pegasse para mim a pintura nomeada de *Ilha da Pedra da Lua* e a de nome *A Última Recompensa da Virtude*. Enquanto isso, eu vou me apresentar à artista, com licença.

Antes mesmo de Lucas agradecer ou falar qualquer coisa, Alan andou rapidamente em direção à moça. Ao chegar perto, seus olhares se cruzaram e durante os próximos dez segundos que pareceram uma eternidade os dois se encararam, até que ele disse.

– Muito prazer, me chamo Alan Hill.

– Prazer, sou Laura Wright – respondeu a artista.

– Diga-me uma coisa, quantos desses trabalhos de arte foram feitos por inteligência artificial?

Laura se assustou com a pergunta, mas logo respondeu.

– Por volta de 40%, eu uso o *software* e depois imprimo a imagem, a ideia é dar volume para a exibição, mas o foco ainda é a arte feita por mim.

– Somente 40%? Estou muito impressionado com o seu talento.

Laura agradeceu, mas transpareceu em seus olhos um sentimento de desconforto com o homem. Alan continuou e decidiu falar o que queria para ela desde que entrou na loja.

– Eu vou direto ao ponto. Laura Wright, eu gostaria de contratar os seus serviços.

Laura se surpreendeu, e sua boca só conseguiu dizer...

– O quê?

Para Alan, ele havia acabado de encontrar a peça que estava faltando para botar o seu projeto mais ambicioso em ação.

Capítulo 2

LUCAS

20 de janeiro de 2024

Lucas tentava apressar sua irmã.

– Laura, a reunião é em 30 minutos. O que você está fazendo?

– Só falta secar o cabelo e calçar a sandália – respondeu Laura.

Ele estava nervoso para a reunião. Uma semana atrás, um homem chamado Alan Hill apareceu na exposição da irmã e disse que queria contratá-la para a criação de artes gráficas em um projeto que Alan estava desenvolvendo. Quando Lucas ouviu sobre isso, ele interrompeu a conversa para indagar, pois estava desconfiado de má índole, e antes mesmo de terminar uma frase completa, Alan retrucou dizendo que também estava procurando uma pessoa para vendas e negociações, e que Lucas seria perfeito para o cargo, imediatamente calando-o. Alan combinou com ambos uma reunião para o sábado à tarde da semana seguinte.

– Laura, eu vou descer e te espero. Assim que você estiver pronta, eu chamo o motorista de aplicativo.

– Está bem, Lucas.

O irmão de Laura desceu para ficar sozinho e refletir um pouco sobre a situação. Fazia três anos que ele havia se formado em Administração e dois anos que Laura se formou em Artes, e um pouco depois a mãe de ambos faleceu, a última família dos dois.

Desde então, eles têm tentado sobreviver juntos, mas, para Lucas, a luta por emprego foi uma derrota atrás da outra. Eventualmente, decidiram que seria melhor para Lucas ajudar a irmã com a venda de seus trabalhos artísticos.

Apesar de estar ajudando Laura há mais de sete meses, ele ainda sentia dentro de si um certo desprezo pela situação. Ao se formar, ele achou que ganharia dinheiro rápido e fácil em alguma empresa grande ou algo do tipo, e julgava a irmã pela escolha pouco rentável de carreira, mas agora era o trabalho dela que essencialmente pagava as contas, ou pelo menos parte delas. A mãe deles deixou uma boa quantidade de dinheiro para os dois após sua morte, mas após dois anos, esse dinheiro estava terminando, o que tornava a proposta do tal do Alan ainda mais intrigante, uma oportunidade de trabalho tanto para Lucas quanto para sua irmã.

Porém, a situação naquele dia, uma semana atrás, o incomodava demais, era quase como se o Alan tivesse o olhar de baixo para cima e observado “esse aqui precisa de um emprego, vou oferecer um para ver se ele não incomoda minha conversa com a Laura”. Lucas se sentia no meio de algo que não tinha nada a ver com ele, mas ele precisava de emprego, e essa era a chance de ter um.

– Pode chamar o motorista? – chegou Laura, pedindo.

O administrador pegou o celular e chamou o motorista no aplicativo, que chegou em menos de um minuto e os levou para o ponto de encontro: o *shopping West Edmonton Mall*. Ao chegarem, eles foram para a praça de alimentação aguardar Alan.

Alan enviou uma mensagem para Laura, dizendo que ia se atrasar uns cinco minutos ainda. então, ambos se sentaram em uma das cadeiras vazias da praça.

– Estou um pouco nervosa com essa situação, acho que pode ser golpe – comentou Laura.

– Por quê?

– Essa situação toda desde o início foi esquisita. Um homem estranho entra na galeria oferecendo um emprego para nós dois como se fosse a coisa mais normal do mundo. Além disso, eu o pesquisei na internet, e não encontrei nada, ele não tem nenhuma rede social. É como se o homem não existisse.

Lucas já havia discutido essa ausência em redes sociais com a irmã no início da semana, e realmente, era incomum, mas não esquisito, muitas pessoas tinham um perfil um pouco mais *low profile*, o próprio Lucas não utilizava redes sociais, mas Alan não ter nenhum perfil profissional na internet? Ele achava isso inaceitável para um homem de negócios, ou o que quer que esse Alan fosse.

Quando ele vira para respondê-la, ambos avistaram Alan com mais dois homens. À direita dele estava um homem corpulento, pele de cor avelã, careca, com roupas mais casuais; do outro lado estava um homem caucasiano, com uma aparência bem similar à de Alan, como os dois estavam de terno, a única coisa que realmente parecia os distinguir era o fato de Alan usar óculos.

Eles se aproximaram de Lucas e Laura.

– Boa tarde, Laura! Boa tarde para você também, Lucas! Espero que estejam bem, este ao meu lado é meu amigo Douglas, ele não participará da reunião de hoje, mas talvez vocês o vejam mais um pouco se decidirem trabalhar comigo – cumprimentou Alan, os dois, e apresentou Douglas.

O homem que se chamava Douglas estendeu a mão e cumprimentou os irmãos.

– E este aqui é o James, meu advogado, ele conversará um pouco conosco sobre os contratos – apontando Alan para o outro rapaz, que também estava de terno.

Lucas se assustou ao ouvir a palavra “contratos”. O que quer que ele quisesse dele e da irmã, ele já estava preparado para ir direto ao

ponto. Após as apresentações, Alan se despediu de Douglas e pediu que voltasse ao shopping dentro de duas horas para buscar os dois.

Alan e James entregaram os contratos para Laura e Lucas.

Os irmãos passaram por volta de 15 minutos lendo os contratos, ambos eram contratos de sete meses, mas a similaridade praticamente terminava nisso. O contrato de Lucas seguia a linha de um Assistente Administrativo, e apesar de ter cláusulas, era vago e não tornava claro exatamente o que seria pedido dele. O da irmã era totalmente diferente, deixava claro que era para um trabalho de *Designer* de Artes Digitais, e que ela deveria entregar uma certa quantidade de demandas por mês, com várias cláusulas sobre confidencialidade e segurança de informação.

O salário, como Lucas já imaginava, era um pouco exploratório, eles não receberiam muito mensalmente, mas era mais do que eles aufeririam por mês tentando vender as artes de Laura. Porém, havia duas coisas que chamavam muito a atenção dos irmãos: a primeira é que os contratos deixavam claro que o trabalho era em um projeto, chamado no contrato de *Projeto O.T.H.E.R.*, e que eles receberiam uma participação dos lucros desse projeto. Laura receberia 10% e Lucas 5%, como eles não sabiam nada sobre o projeto, isso não os animava tanto, afinal de contas, não havia nenhuma garantia de que esse projeto, seja lá o que fosse, iria render alguma coisa, porém, a segunda coisa que chamava a atenção já os animava bastante. No contrato de ambos estava escrito sobre um bônus de assinatura, além do salário que eles iriam receber ao fim de todo mês, eles receberiam no ato da assinatura um valor equivalente a três vezes o que seria o salário deles.

– Essa cláusula 9 dos dois contratos, a que fala sobre o bônus de assinatura. Isso é sério mesmo? – questionou Lucas, imediatamente.

– Sim, é sério, vocês dois receberão ainda hoje na conta, se concordarem com todos os termos – respondeu James.

– Essa oferta só é válida se concordarem com esses termos hoje. O meu interesse nos seus serviços não irá desaparecer, mas revisarei o contrato com uma nova data de validade e novos termos que talvez não incluam um bônus tão generoso, ou uma porcentagem tão grande dos lucros – comentou Alan.

Lucas tremeu ao ouvir essas palavras. Ele e Alan, dois homens voltados para o mundo dos negócios, normalmente estariam fazendo nesse momento o que Lucas chamaria de uma batalha de negociação, porém todas as cartas estavam na mão do contratante. Ele pensou no que poderia fazer para tentar virar o jogo ao seu favor sem arriscar perder tudo que Alan estava oferecendo, mas era claro para ele que naquele momento, nem ele, nem a irmã tinham esse luxo, e ele sabia que as cartas estavam nas mãos do homem misterioso.

Lucas pensou em fazer um questionamento, mas Laura o impediu, segurando a sua mão e o olhou nos olhos com uma expressão de “eu acredito que devemos nos arriscar e fazer isso”, balançando a cabeça em um sinal positivo. Lucas apreciava muito o jeito protetor de sua irmã, mas ele achava que por ser o irmão mais velho, esse era o papel dele.

– É necessário que nós dois aceitemos o contrato? – perguntou a irmã.

– Não, de forma alguma, como vocês podem ver o trabalho de vocês será completamente diferente. Um pode aceitar o contrato e o outro negar, mas é importante mencionar que não aceitando o contrato, procuraremos outras pessoas na próxima semana para cumprir esse papel – esclareceu o advogado.

– Vocês não precisam se forçar pelo que o outro quer, tomem as próprias decisões – acalmou Alan.

Lucas se surpreendeu com esse conselho, pareceu bem humano vindo de alguém que parecia um negociador desalmado.

– Lucas, eu vou assinar, mas você não precisa se não quiser, eu... – comentou Laura.

– Eu também vou assinar, é isso que eu quero – concordou Lucas.

Ambos assinaram o contrato. Lucas imediatamente percebeu um sorriso quase maléfico e extremamente arrogante no rosto de Alan.

– Isso foi bem mais rápido do que imaginei. E eu falei para o Douglas voltar em duas horas, o que vou ficar fazendo nesses 90 minutos restantes?

Lucas se enfureceu por dentro com o que, para ele, foi claramente um escárnio, mas permaneceu calado. Alan e James se despediram e foram para outra parte do shopping. Enquanto isso, ele se vira para conversar com a irmã que já estava chamando um motorista de aplicativo.

A volta foi silenciosa, ambos tinham acabado de receber um contrato que significava mais dinheiro, mas a sensação de derrota era muito grande, afinal, eles estavam entrando em um projeto que não era clara a finalidade, e por dinheiro, eles não questionaram nada. Eles chegaram em casa.

– Vamos ligar o videogame? Quero jogar um pouco daquele futebol de carros – perguntou a irmã.

Lucas sorriu.

– Cooperativo ou eu contra você?

– Hoje eu estou no clima de jogar no modo cooperativo – respondeu Laura, alegremente.

Lucas se preparou para ligar o videogame, quando escutou uma notificação no celular, tanto no dele quanto no da irmã, ambos puxaram os celulares para ver o que era.

– O bônus de assinatura caiu na conta – comentou Lucas.

– O meu também acabou de cair na conta.

De repente, bate um nervosismo, o dinheiro tornava tudo aquilo real, mas ao mesmo tempo, acabava com toda a sensação de derrota que eles haviam sentido.

Capítulo 3

LAURA

26 de março de 2024

Laura estava agoniada. Já fazia dois meses que, a pedido de Alan, ela trabalhava naquela casa transformada em escritório, onde ela realizava as 35 horas semanais, que em teoria, seria o escritório da empresa que estava em processo de nascimento, mas nunca havia ninguém lá quando ela ia, e ela passava manhã e tarde sozinha. Alan havia dito que se ela não se sentisse confortável, ela poderia trabalhar *home office*, mas ela nunca se sentiu à vontade para pedir.

Laura sabia que Alan estava em processo de criação e legalização de uma empresa só para esse *Projeto O.T.H.E.R.*, e que o nome da empresa no papel se chamaria *Other Hill Connections*, e ela sabia disso porque Alan fazia Lucas andar de um lado para o outro para resolver as burocracias e demandas que isso exigia, fora outros trabalhos aleatórios.

Ela ainda não havia tido nenhuma confirmação do que seria esse projeto, mas pelas demandas dela, já era possível ter certeza de que, ou era um videogame, ou algo relacionado. Afinal, ele estava solicitando artes de personagens em *pixelart*, lugares fictícios, tudo em um formato pronto para colocar em um videogame, mesmo assim ela não conseguia montar uma boa teoria do que exatamente aquele

jogo seria, já que Alan fazia pedidos de coisas totalmente diferentes que não pareciam ter nenhuma conexão lógica.

Alan já pediu artes de personagens de deuses gregos, ninjas, cavaleiros ingleses, mercadores de terra de fantasia, trabalhadores de um escritório moderno, enfim. Laura mal conseguia imaginar como tudo se encaixava, algumas demandas eram modelos de personagens em 2D, 3D, isométrico, e outros eram só artes normais dos personagens, nada fazia sentido. Laura tentava pensar fora da caixa e imaginou que talvez aquelas coisas não tivessem, de fato, uma conexão, e ela decidiu que, já que Alan iria passar no escritório para ver o andamento do projeto, ela iria perguntar para ele de uma vez por todas o que era esse projeto, e algo que a intrigava ainda mais, quem era ele.

Ela já o havia pesquisado nas redes sociais, e Alan era um fantasma total, não havia nada, absolutamente nada, e para Laura, que era muito atenta em redes sociais, isso significava que ou você era um maníaco ou um introvertido. Enquanto ela refletia sobre essas questões, Alan chegou no escritório.

– Boa tarde, Laura!

– Boa tarde, chefe!

– Pare, não há necessidade desse tipo de formalidade, me chame de Alan – solicitou o chefe.

– Ok, Alan.

– Você viu o *e-mail* de ontem?

– Sim, já respondi, coloquei as imagens solicitadas em anexo.

– Obrigado! Notei que você demorou mais do que o normal com as demandas da semana passada, eu não me importo se você fizer alguns desenhos na inteligência artificial para acelerar o processo – aconselhou.

– Por que me contratou se a inteligência artificial resolve os seus problemas? – retorquiu Laura, aborrecida.

– Parece haver um engano aqui: eu não lhe contratei somente pelo seu talento artístico, mas também pelo seu olhar criterioso, sei que mesmo com a ajuda da inteligência artificial, se for feito por você ficará incrível.

Laura se acalmou ao ouvir as palavras dele, às vezes ela ficava incrédula de como aquele homem tão arrogante conseguia em alguns momentos ser tão gentil e doce.

– Me desculpa, eu fui rude sem necessidade – desculpou-se, Laura, de forma gentil.

– Bom Laura, eu tenho um lema simples no local de trabalho com as pessoas ao meu redor: “Brigue o quanto quiser quando estivermos sozinhos, mas jamais brigue ou me envergonhe em público”.

Laura estremeceu ao ouvir isso.

– Claro! Mas se for para ser bem honesta, tem sido mais e mais difícil me manter motivada quando eu não tenho ideia da finalidade do que estou fazendo. Eu sei que o senhor disse que não poderia nos contar ainda, mas e se eu tentasse adivinhar? – sugeriu Laura.

Alan riu se divertindo com a sugestão infantil.

– Tudo bem, gostei da ideia, vou te dar cinco chances, se você acertar eu te falo.

Laura se surpreendeu com o número de tentativas.

– Você acha que não vou acertar, não é? – advertiu Laura.

– Eu tenho certeza de que não – respondeu confiante, Alan.

Laura se sentiu desafiada, mas animada ao mesmo tempo.

– Por causa do contrato que assinei você tecnicamente é dono das artes que estou produzindo, você está vendendo para empresas de desenvolvimento de jogos? – perguntou Laura, iniciando o desafio.

– Não, passou foi longe, tentativa número dois agora, vai.

– Então não está vendendo, mas planeja usar em parcerias com outras empresas?

– Já está 10% correta. Mas ainda não chegou nem perto.

Laura se questionou na cabeça o que seria esse 10% correta, mas continuou.

– Você tem uma equipe de desenvolvimento de jogos, e está criando um jogo no estilo 198x, onde você tem vários jogos dentro de um só. Acertei?

– Não, mas também não posso dizer que você está 100% errada.

– Você está criando um jogo no estilo Evoland, que mostra a evolução dos jogos com o passar dos anos?

– Não, mas foi uma tentativa ainda melhor que a anterior. E estou surpreso em você conhecer jogos como 198x e Evoland, são videogames bem *indies*. Vai lá, qual a sua última tentativa?

Laura já tinha se cansado e meio que desistido da brincadeira, mas decidiu arriscar.

– Você está fazendo um livro de ideias sobre jogos?

– Essa foi uma das maiores bobagens que já escutei na minha vida, um livro de ideias? Você cansou da brincadeira, não foi? – ironizou.

Laura se aborreceu.

– Você é muito frustrante.

– E você é péssima nesse jogo – retrucou Alan – Por que tentativas tão específicas? Por que não começar com “É um livro?”, ou “É um jogo?”, você saberia alguma coisa sobre o projeto, ao invés de continuar no escuro, perdeu a oportunidade.

– Eu não sabia que eu poderia fazer perguntas tão abrangentes, mas vamos falar de você agora. Afinal, quem é você? Você não falou o que faz, quem você é, de onde você veio, eu não sei nada sobre você e não tem nada nas redes sociais.

Alan demonstrou surpresa em seu rosto e ficou vários segundos calado, segundos que pareceram horas para Laura, até que eventualmente ele fala.

– Você é Laura Samantha Wright, tem 24 anos de idade, faz aniversário em 29 de junho, é formada em Artes pela Universidade de

British Columbia em Vancouver, trabalhava vendendo suas artes presencialmente e *on-line*, nunca teve relacionamentos sérios na vida, gosta de salgados, não gosta de doces, gosta de jogos, tirar fotos e utilizar redes sociais.

Laura se assustou com o quanto ele sabe sobre a sua vida. Alan continuou.

– Para saber de tudo isso eu só precisei olhar seu Instagram por uns cinco minutos, eu sei muito sobre a sua vida tendo conversado muito pouco com você, enquanto você não sabe nada sobre mim. Eu estou protegido, enquanto você está exposta, e lhe garanto que do jeito que a tecnologia está hoje, é melhor estar protegido.

– Certeza de que foram só cinco minutos no Instagram? Eu tenho umas fotos bem bonitas lá.

Ela começou a questionar na cabeça dela o porquê de falar algo assim, ele poderia entender como flerte ou algo do tipo, logo com ele que sabia todas essas coisas sobre ela, porém, a *designer* estava ciente que essas informações eram públicas, e que se ele tivesse redes sociais, ela facilmente saberia o mesmo sobre ele.

Alan sorriu com a pergunta.

– Voltando ao tema anterior, você tem razão. Não é justo eu não ser honesto sobre a finalidade do trabalho, então vou admitir que sim, a primeira parte desse projeto é a criação de um jogo, mas lhe peço paciência em relação aos detalhes.

Laura ficou surpresa, com o pouco que ela conheceu de Alan, a ideia de que tudo aquilo era para um jogo parecia... pouco, ela suspeitava que isso ainda era uma pequena parte de algo muito maior. Mas ao mesmo tempo ficou aliviada.

– Hei, se a primeira parte do projeto é um jogo, você poderia abrir uma campanha de financiamento coletivo – propôs Laura.

– Não será necessário. Eu já vou indo Laura, tenha um bom dia!

– Você é bem convencido, né? – disse Laura antes de ele sair.

Alan já estava dando as costas quando escutou essa, então parou alguns segundos e depois virou de volta para ela.

– O que você acha de uma pequena aposta? – sugeriu o chefe.

– Uma aposta? – a artista perguntou intrigada.

– Sim, na primeira semana do lançamento desse jogo eu prevejo que ele venderá 120.000 cópias.

Laura se surpreendeu com a afirmação, ela tinha entendimento desse tipo de informação sobre os jogos, já que era o *hobby* preferido dela, e a venda desse número de cópias de um jogo *indie* em uma semana só foi vista pelos mais populares. Alan continuou.

– Se em uma semana eu não alcançar, no mínimo, a venda dessa quantidade de cópias, eu vou lhe dar C\$ 10.000,00 dólares.

– Bom, eu não tenho C\$ 10.000,00 dólares para apostar, então o que você quer? – quis saber Laura.

– Se eu alcançar essa meta, você me deixa te levar em um encontro – disse Alan.

Laura ficou vermelha como uma pimenta, ficando mais expressivo em seu tom de pele clara e cabelo ruivo, fazendo-a soltar um “o quê?” bem baixo, mas depois respondeu decididamente.

– Tá bom, eu aceito essa aposta.